



TV Multimídia na sala de aula: aproximação entre Comunicação e Educação¹

Luis Otávio DIAS²

Rosa Maria Cardoso DALLA COSTA³

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR

Resumo

O artigo explora os desafios que envolvem a metodologia de uma pesquisa empírica, desde o estudo exploratório, definição do campo, dos critérios, até as técnicas de coleta de dados. Apresenta análise de trabalho em andamento no Mestrado em Educação da Universidade Federal do Paraná (UFPR), sob a ótica do objeto TV Multimídia. Nesta fase do trabalho, é possível esboçar dados de uma abordagem qualitativa, ao analisar a apropriação a qual os professores de Curitiba fazem da TV Multimídia em sala. Sob orientação da Prof.^a Dr.^a Rosa M. C. Dalla Costa, a pesquisa discorre sobre as interrelações entre cultura, escola e ensino. Algumas das referências consultadas são Geneviève Jacquinot-Delaunay, Rosa Maria Bueno Fischer, Dominique Wolton, Ismar de Oliveira Soares, Adilson Citelli e Maria Isabel Orofino.

Palavras-chave: tv multimídia; escola; tecnologias; educomunicação.

Cenário

Há um consenso entre pesquisadores e estudiosos de que a escola se tornou um campo vasto para a pesquisa em comunicação, aberta a novas possibilidades de investigação, experimentações e de mediações.

É um ambiente em que também se permitem aproximações com outras disciplinas, abrindo canal para o avanço de novas epistemologias e manifestações culturais distintas. Esses apontamentos ficam evidentes quando se propõe a pesquisar modelos de práticas pedagógicas com novas tecnologias de informação e comunicação.

Sob essa ótica, a sala de aula é um espaço explorado por pesquisadores em todo o mundo, se tornando peça-chave da pesquisa e do campo empírico.

Nesta perspectiva, Orofino (2005), seguindo a proposta de Gadotti e Romão (1997), vê a escola como

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação do XI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista, Mestrando em Educação da UFPR, e-mail: fototavio@yahoo.com.br

³ Orientadora do Trabalho. Doutora em Ciências da Informação e da Comunicação pela Universidade Paris 8-Vincennes. Professora do Departamento de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPR, e-mail: rmdcosta@uol.com.br



“local de encontro de muitos sistemas simbólicos, ou seja, de “muitas culturas”, seja aquela de bagagem pessoal e de identidade dos diferentes alunos, alunas e professores, seja a cultura erudita que ali é ensinada, ou, ainda, a cultura popular regional do local onde a escola está situada. Este quadro se torna mais complexo quando então acrescentamos a todas essas dimensões o entrelaçamento da cultura midiática que temos hoje. [...] Portanto, não há escola, por mais distante e diversa que seja, que conviva sem a presença de alguma influência da cultura das mídias. (OROFINO, 2005, p. 40)

Muito do que se passa na tevê pode ser transformado em conteúdo de sala de aula. Materiais jornalísticos, filmes, comerciais, documentários, novelas, entre outros programas do nosso cotidiano, podem servir de apoio para o professor aproximar o aluno do tema tratado em sala. Essa constatação pode ser confirmada por Melo e Tosta (2008) ao mostrarem como os meios de comunicação estão tão presentes na vida das pessoas.

Os meios de comunicação informam e conformam pontos de vista a partir dos quais interpretamos assuntos. Isso ocorre porque esses meios se configuram também como “educadores”, dividindo essas funções com agências socializadoras tradicionais, como a família e a escola. [...] Contudo importa entender que a recepção de bens simbólicos por parte de alunos, receptores ou usuários da escola e da mídia depende de “filtros” que tornam esse processo complexo, criativo e ativo, contrariando as teses de que receptores de produtos da mídia e da escola são consumidores passivos. (MELO; TOSTA, 2008, p. 50).

É possível acrescentar, na afirmação de Melo e Tosta (2008), que os professores, mesmo sem um conhecimento profundo das metodologias de ensino mais adequadas, ao utilizarem novas tecnologias em sala, se arriscam e fazem do equipamento em uso um meio para aperfeiçoar o aprendizado das disciplinas. Os alunos, inseridos no cotidiano das tecnologias digitais, não se intimidam, somam-se ao processo e até, em alguns casos, na logística da aula, ajudando o professor a manusear o aparelho tecnológico.

A afirmação se fortalece ainda mais quando dados estatísticos mostram que a televisão está presente em praticamente 100% dos domicílios brasileiros⁴.

Vinte anos de desenvolvimento tecnológico, considerando o *boom* da internet na década de 1990, também podem explicar as mudanças da escola frente aos meios de comunicação. Hoje, a informação está disponível em diferentes plataformas de comunicação. As telas se multiplicaram. Com a internet, além da tela da televisão, a

⁴ Levantamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) por meio da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), de 2009, revelou que 95,7% dos domicílios brasileiros possuem televisão.



informação está na tela do computador, do celular, se espalha pelas redes sociais, como *Facebook*, *Orkut*, *Twitter* e *MSN*, presentes no cotidiano.

Uma evolução que mexe com o comportamento da sociedade. Uma mostra dessa mudança é que, a partir de 1998, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, o PNAD, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), incorporou, na pesquisa básica, a existência de rádio e televisão nos domicílios particulares permanentes. O PNAD foi implantado no Brasil a partir de 1967.⁵

A tevê comum, de casa, também chegou à escola na forma de um equipamento multimídia, com algumas mudanças na sua estrutura tecnológica, numa proposta diferenciada, que pode ser vista como um instrumento a ser utilizado em sala, de forma mais democrática e menos manipuladora.

A TV Multimídia, tema principal deste trabalho, está presente em todas as salas de aula das escolas do ensino público do Paraná. O governo estadual comprou 22 mil televisores, feitos sob encomenda, e instalou, a partir do segundo semestre de 2007, nos 2.121⁶ estabelecimentos de ensino do Paraná.

A tevê ficou conhecida como TV *Pen Drive*. Cada professor recebeu um *pen drive* de 2GB para gravar arquivos e passar o conteúdo na tevê. O equipamento ainda possui outros recursos técnicos, como leitor de cartões de memória e capacidade de ler diferentes extensões de arquivos de imagem, vídeo e áudio. O projeto é coordenado pela Diretoria de Tecnologias Educacionais (Ditec), órgão vinculado à Secretaria de Estado da Educação.

Trata-se de uma política educacional com características muito próprias do poder público. Como qualquer ação política, o governo, à época e ainda hoje, se promove com a TV Multimídia. O que não deve ser ignorado, neste caso, é que sai governo, entra governo, as tevês continuam nas salas de aula das escolas paranaenses. Não se tornou apenas uma política de governo efêmera. A partir dessa realidade é que se propôs pesquisá-la para entender o processo de adaptação da escola, dos professores e dos alunos nesses quatro primeiros anos de implantação. Este estudo está em andamento no Mestrado em Educação da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Embora seja um veículo de comunicação de massa, a utilização da TV Multimídia não está diretamente relacionada a questões sobre o consumo promovido

⁵ Dados oficiais do IBGE disponível em http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/sinteseindicsoais2004/nota_tecnicapnad.pdf. Acessado em: 11/05/11.

⁶ Dado oficial de 2010. Secretaria de Estado de Educação do Paraná.



pela grande mídia. Sua aplicabilidade está mais relacionada ao ensino e aprendizagem e de novas linguagens apresentadas aos alunos que à discussão que o impacto das mídias provoca nas escolas. A TV Multimídia é um complemento, um acessório pedagógico, que, para muitos professores, se tornou um instrumento indispensável para as suas aulas, ao mesmo tempo em que provoca resistência entre outros educadores.

A pesquisa em novas tecnologias de informação e comunicação na escola não é recente. Desde 1970, há registros de levantamentos sobre a prática de ensino com a televisão. Desde essa época, a aproximação da Educação e da Comunicação fez surgir uma nova área de conhecimento que ganhou espaço na comunidade científica brasileira com uma nova terminologia intitulada Educomunicação.

A escola não fugiu à sua responsabilidade. Abriu as portas para que todos possam explorá-la, talvez, mais do que isso, reposicioná-la em um universo mais que contemporâneo de enfrentamentos e descobertas. Pesquisadores e estudiosos no assunto vêm contribuindo para a pesquisa científica, enfrentando um debate extenso sobre o tema.

Geneviève Jacquinet-Delaunay, Rosa Maria Bueno Fischer, Dominique Wolton, Ismar de Oliveira Soares, Maria Isabel Orofino, Adilson Citelli e José Marques de Melo são alguns dos autores de referência nacional e internacional que trabalham com pesquisa em Comunicação e Educação.

Nesse contexto, a comunidade escolar, como um todo, compõe os elementos e sujeitos do campo empírico desta pesquisa.

Educomunicação: conceito e aproximações

A pesquisa e o conceito da Educomunicação no Brasil têm, em Ismar de Oliveira Soares, seu representante oficial. Coordenador e fundador do Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo (NCE-USP), Soares é precursor nos estudos da nova área do conhecimento. Autor de uma infinidade de artigos, Soares tem se debruçado sobre o tema desde 1970, quando lecionava Geografia e começou a usar vídeos em sala de aula. Em 1990, o pesquisador chegou à USP. Desde então, se dedica a pesquisar a Educomunicação.

Soares (2011) explica que “a investigação acadêmica do NCE-USP partiu da evidência de que transformações profundas vinham ocorrendo no campo da constituição das ciências, em especial as humanas, incluindo a área que abrigava a interface Comunicação/Educação [...]” (SOARES, 2011, p. 35)

De acordo o autor, o NCE identifica o “novo campo de intervenção social” de

O conjunto de ações voltadas ao planejamento e implementação de práticas destinadas a criar e desenvolver ecossistemas comunicativos abertos e criativos em espaços educativos, garantindo, desta forma, crescentes possibilidades de expressão a todos os membros das comunidades educativas. (SOARES, 2011, p. 36)

Após anos de investigação na área, o Brasil tem o seu primeiro curso de graduação em Educomunicação⁷, com o objetivo de formar um novo profissional: o educador.

A proposta da USP não foge à realidade vivenciada pelos professores, quando se veem frente às tecnologias na escola. Profissionais das escolas estaduais de Curitiba, por exemplo, sinalizam, por meio de entrevistas, fonte deste estudo, que sentiam falta de usar tecnologias de comunicação no ensino. As práticas utilizadas em sala com a TV Multimídia muito se aproximam do conceito de Educomunicação de Soares, de criar ambientes comunicativos por meio de práticas pedagógicas no pequeno espaço da sala de aula. Mas, no dia a dia, muitos professores esbarram em questões de ordem técnica e na metodologia de apresentação dos conteúdos para um aproveitamento melhor da aula. Apesar da dificuldade, os professores entrevistados são unânimes em afirmar que a televisão contribui sobremaneira com o ensino.

A partir de uma questão levantada por Soares - “como o sistema de educação deve entender o sistema de meios e construir ecossistemas comunicativos a partir da realidade mediática em que estamos todos inseridos?” (SOARES, 199, p. 22) -, é possível elaborar outra questão relevante, levando-se em conta a pesquisa sobre a política educacional do Paraná. Como os professores devem se apropriar da TV Multimídia para construir ambientes comunicativos, e de ensino, na sala de aula?

Algumas das possíveis respostas podem vir de diversas experiências de vários pesquisadores, mas nesse momento são os próprios professores do Paraná que descobrem, na sua prática, como a TV Multimídia pode ajudá-los em sala.

Para aprimorar a discussão, vale nos espelhar em projetos concretos, como o desenvolvido pela pesquisadora francesa Geneviève Jacquinet-Delaunay na escola de ensino secundário Marly-le-Roi, em Paris, entre 1967 e 1979.

⁷ O Departamento de Comunicações e Artes da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo deu início, em 28 de fevereiro de 2011, ao curso de Licenciatura em Educomunicação. A nova proposta abre um campo diferenciado de atuação para um novo profissional: o educador. Retirado de <http://www.cca.usp.br/cca> Acessado em: 20/06/2011.



De modo geral, tratava-se de um circuito de TV fechado, a cabo, disponibilizado em seis salas de aula da sexta série (equiparando ao nosso ensino brasileiro), capaz de interagir com o professor e aluno em tempo real. As produções dos programas eram feitas pelos próprios professores e, ao aluno, era dada a oportunidade de participar como receptor e co-autor da produção. Inúmeros trabalhos feitos por alunos foram apresentados por professor-apresentador do programa e exibido para os demais alunos.

Jacquinet-Delaunay (1985), em diversos momentos, enfatiza a participação do professor como peça fundamental do processo, ainda que o foco fosse o aluno. Inclusive, o interesse no aluno foi o motivo principal que fez Jacquinet-Delaunay se dedicar à pesquisa na área da Comunicação em benefício da Educação.

A ideia de que o aluno é o foco também é defendida por Wolton (2006, p.14) ao afirmar que “é preciso saber se o outro está ouvindo e se está interessado no que eu digo. E se responder, isto é, se por sua vez se expressar, será que eu estou pronto para ouvi-lo?”.

Para Jacquinet-Delaunay, “a televisão sempre é educativa, ainda que seja de uma maneira que escape à pedagogia”⁸ (JACQUINOT-DELAUNAY, 1985, p.10). Ela defende a presença da TV na escola e enfatiza como principais características dessas tecnologias: o acesso direto e rápido a uma grande quantidade de dados; a mistura e manipulação de novas possibilidades de articulação; a simulação de situações do mundo real mediante mundos virtuais ou realidades virtuais; e a interatividade. Esta, tida como primordial, ao dizer que “a interatividade atenua a separação clássica entre a postura do autor e aquela do leitor, e o utilizador pode ser sucessivamente emissor e receptor, aquele que produz e que reage.” (JACQUINOT – DELAUNAY, 2008, p. 274)

Wolton reforça que o papel da TV na escola vai além da simples transmissão da mensagem ao concluir que

Somente a transmissão não basta; é preciso frequentemente negociar. Assim, no campo da educação, é preciso transmitir os conhecimentos, mas em relação ao passado estamos muito mais sensíveis às condições da recepção. O ensino sempre esteve relacionado à pedagogia e à didática, mas, hoje, os professores estão muito mais atentos às condições da recepção. Há evidentemente um anacronismo em censurar o mundo escolar por não ser moderno: ensino sempre foi comunicar, isto é, pensar nas modalidades que permitem ao receptor, o aluno, compreender aquilo que lhe é dito, e ao professor, por sua vez, levar em conta as reações de seu aluno. (WOLTON, 2006, p. 29-30)

⁸ Tradução livre dos autores para “la televisión siempre es educativa, aunque lo sea de una manera que escape à pedagogia” (JACQUINOT, 1985, p. 10)

Ficher (2006) reforça que a tevê está cercada de novas possibilidades na Educação contemporânea, pois é vista

[...] como produção cultural que nos oferece uma série de possibilidades de expressão audiovisual, de comunicação de sentidos, ideias, indagações, informações; ao mesmo tempo, desejamos fazer desse estudo da TV uma forma de pensar os problemas, as possibilidades e os impasses da educação na contemporaneidade – fortemente marcados por alguns sintomas culturais, relacionados às mudanças tecnológicas nas diferentes práticas de comunicação e de informação do nosso tempo. (FISCHER, 2006, p. 17)

Jacquinet-Delaunay complementa que “o importante é a reflexão pedagógica e a formação dos professores, a tomada em conta de consequências na organização da sala de aula e do estabelecimento de ensino e as evoluções da concepção de ensino e de aprendizagem e assim, por consequência, da avaliação”⁹.

A pesquisadora diz que é preciso haver uma formação diferente para os professores e que eles precisam ser mais flexíveis, disponíveis e abertos a um ambiente tecnológico, o qual eles devem administrar tanto no plano técnico como no do uso. “É necessário que compreendam que não se podem dissociar o fenômeno midiático do conjunto do processo de desenvolvimento social” (DALLA COSTA, 2007, p. 79).

Citelli também manifesta uma preocupação em como pensar o sistema educacional considerando um mundo mediado pelas relações comunicacionais. Para ele, as relações evidenciadas pelo uso da televisão, rádio, computador, ao lado do giz e da lousa são “ritmo e velocidade nas linguagens mediáticas convivendo com oralidade nem sempre agradável e cifrada numa temporalidade que segue o andamento natural do sistema fonador.” (CITELLI, 2004, p. 16).

O autor revela o desafio que é para professores administrar conteúdos escolares muitas vezes superados, num processo que consome tempo e energia “dificultando a superação das distonias entre as dinâmicas da história e a cristalização do discurso escolar.” (CITELLI, 2004, p. 16). O autor confirma que, para as instituições de ensino se reajustarem, terão de fazer uma análise dos processos comunicativos na vida da comunidade escolar como um todo (alunos, professores, diretores, dentre outros).

A pesquisa empírica, o objeto e a metodologia

A pesquisa empírica requer do pesquisador um envolvimento com o projeto, de forma que ele seja o mais fiel possível à realidade dos fatos, num processo que vai

⁹ Entrevista por e-mail traduzido pelos autores do artigo em 28/05/2009.

exigir uma coleta de dados adequada, que responda, com veracidade, as inquietações apontadas nos objetivos.

Independente da escolha metodológica, o pesquisador precisa estar ciente do seu papel de interlocutor entre o objeto, os sujeitos, as variáveis, os elementos e o método. É preciso que o pesquisador tenha consciência da possibilidade de interferência de sua formação moral, religiosa, cultural e de sua carga de valores para que os resultados da pesquisa não sejam influenciados por elas, além do aceitável. Gamboa (2009) afirma que:

A escolha de uma técnica de coleta, registro e tratamento de dados ou dos procedimentos de recuperação de informações sobre um determinado fenômeno implica não somente pressupostos com relação às concepções de método e de ciência, mas também a explicitação das concepções de sujeito e objeto (pressupostos gnoseológicos relacionados com as teorias do conhecimento que embasam os processos científicos) e as visões de mundo, implícitas em todo processo cognitivo (pressupostos ontológicos que se referem às categorias mais gerais como concepções do real, de mundo, de homem, de sociedade, de história, etc.) (SANTOS FILHO; GAMBOA, 2009, p. 88).

O autor segue afirmando que o conhecimento acontece quando se consegue captar o significado dos fenômenos, desvendando seu verdadeiro sentido a partir de suas manifestações empíricas. Para ele, em uma abordagem qualitativa, como a adotada neste trabalho, o conhecimento se faz a partir do ato de “compreender os fenômenos em suas diversas manifestações e contextos. Para tanto, o sujeito tem que intervir, interpretando, procurando seu sentido, e utilizando técnicas abertas que permitam a manifestação profunda dos fenômenos”. (GAMBOA, 2009, p. 95).

A pesquisa aqui proposta tem como objetivo geral analisar a apropriação que os professores fazem da televisão na sala de aula, utilizando-se dos conteúdos digitalizados e ensinados. Nesta investigação, busca-se, nos objetivos específicos, verificar a adaptabilidade e experiência dos professores frente às mídias digitais e identificar os formatos e produção dos conteúdos utilizados.

A delimitação do campo da pesquisa se deu em co-participação no trabalho recém-concluído de Mestrado em Educação da UFPR¹⁰, em que foram selecionadas 68 escolas do município de Curitiba, do total de 151 instituições existentes. As escolas

¹⁰ A pedagoga Elizandra Jackiw desenvolveu no Mestrado em Educação da Universidade Federal do Paraná (2009/2010), também tendo a TV Multimídia como objeto. Embora os objetivos e perspectivas de análise da acadêmica sejam distintos dos apresentados neste trabalho, o ponto de partida nos uniu em momentos específicos da metodologia. Jackiw defendeu sua dissertação em 28 de março de 2011 sob o título: TV Multimídia: pesquisando e gravando conteúdos no *pen drive* - possibilidades e desafios.



foram mapeadas prevendo atingir todos os bairros da cidade, optando por escolher aquelas com maior número de alunos. Foi elaborado um questionário¹¹ de perguntas fechadas, respondido por professores de 5^a à 8^a séries do ensino fundamental.

Chegou-se a um número de cerca de 2.500 professores. No total, foram respondidos 627 questionários.

Com os questionários em mãos, partiu-se para a metodologia adotada pela pesquisa atual.

O recorte foi definido de acordo com a pergunta sobre a frequência do uso da TV Multimídia. Cerca de 28% dos professores responderam que usam o equipamento com frequência.

Desse total de aproximadamente 175 professores, foram escolhidos 16 deles com base em alguns critérios pré-definidos, como sexo, idade (mais jovens e mais velhos), tempo de serviço e disciplina.

Os professores estão lotados em escolas pertencentes aos oito setores do Núcleo Regional de Educação de Curitiba, assim denominados de Santa Cândida, Boa Vista, Centro, Portão, Cajuru, Boqueirão, Pinheirinho e Bairro Novo.

Também se optou por fazer uma observação em sala, com os objetivos de identificar e registrar os comportamentos que fazem parte do sistema escolar.

Foram analisadas duas aulas de História, com o uso da TV Multimídia, na Escola Estadual Professor Cleto, no centro de Curitiba. A estratégia foi fundamental para a compreensão de todo o processo e para a elaboração da entrevista, escolhida como um dos procedimentos metodológicos.

A elaboração das perguntas buscou suporte nos fundamentos da Educomunicação, ao expor aspectos defendidos por Soares (2011), como o de criar um ambiente democrático comunicativo na escola. Em entrevista à Revista Geografia¹², Soares explica como surgiu o termo e quais são os objetivos de se formar um grupo de estudos específico no Brasil. Ao ser perguntado como um professor sabe que ele está fazendo Educomunicação em sala de aula, Soares respondeu o seguinte:

Quando nós começamos a fazer a divulgação do conceito, a gente sabia que uma prática educacional ideal é aquela que revolucionasse as relações

¹¹ A distribuição dos questionários para as escolas selecionadas contou com a co-participação do autor deste artigo, integrando a metodologia da pesquisa.

¹² Entrevista com Ismar de Oliveira Soares “Entenda a Educomunicação” – Revista Geografia, Edição 26, julho 2009, ISSN 977 1806 859 6, p. 45-49, disponível na internet no endereço <http://geografia.uol.com.br/geografia/mapas-demografia/26/artigo145874-2.asp> acessado em 23/11/2010.

de comunicação em toda uma escola. Que tornasse mais democráticas as relações e transformasse aquele espaço escolar em um grande espaço de produção de rádio, música, revista, jornal, teatro, toda essa produção num processo democrático. Isso, contudo, é uma utopia, um projeto, é o ideal. Agora, esse ideal só se tornará possível um dia se ele começar por algum lugar. A proposta para sala de aula que nós trazemos é que o professor, no seu pequeno espaço, promova a educomunicação. (SOARES, 2009, ACESSADO EM 23/11/2010)

Os motivos que levaram à escolha da entrevista como um dos procedimentos metodológicos da pesquisa estão explícitos em Lessard-Herbert, Goyette e Boutin (2009), ao contextualizarem que a entrevista possui laços evidentes com outras formas de coleta de dados nomeadamente com a observação. Werner e Schoepfle¹³ (1987), citados pelos autores, afirmam, igualmente, “que a entrevista permite ao observador participante confrontar a sua percepção do “significado” atribuído pelos sujeitos aos acontecimentos com aquela que os próprios sujeitos exprimem.”(LESSARD-HERBERT; GOYETTE e BOUTIN, 2009, p. 160). E propõem que se comece por tratar em separado os dados de observação e os dados de conversação, da entrevista.

Dentre as tipologias de entrevistas optou-se pela que os mesmos autores denominam de entrevista clínica, orientada, semiestruturada com um número definido de questões. É importante destacar que mesmo com as perguntas abertas elaboradas previamente, as respostas levaram o investigador a não seguir o roteiro na íntegra. Dependendo das respostas dos entrevistados, abriram-se oportunidades de relatos que enriqueceram ainda mais o método, o que não prejudicou seguir o eixo do roteiro inicial.

As entrevistas tiveram duração aproximada de 40 minutos. As respostas, ainda em análise nesta fase da pesquisa em andamento, começam a projetar os efeitos da política de Educação implantada pelo Estado.

Está sendo possível constatar a forma a qual o professor mais usa o equipamento - se com vídeos sobre o tema da aula, reforço de conteúdos, exemplos de notícias de telejornais, recursos produzidos pelos alunos – e também conhecer quais as expectativas do professor com a TV Multimídia – se tornou as aulas mais atrativas ou se não fez diferença, se ajudou na aprendizagem dos conteúdos e despertou o interesse dos alunos, e se mudou a maneira de trabalhar os conteúdos em sala.

¹³ WERNER, Oswald e SCHOEPFLE, G. Mark (1987), *Systematic fieldwork, volume 1, Foundations of ethnography and interviewing*, Newbury Park, Sage, 416 p.

O professor pode sinalizar o que mais o influenciou a usar a TV, quais foram as maiores dificuldades e como viu a importância dessa experiência.

O roteiro pré-definido para a entrevista foi dividido em três partes, de acordo com os objetivos específicos da pesquisa. A primeira parte foi dedicada a analisar a apropriação da TV Multimídia pelo professor. A segunda serviu para identificar os formatos e produção dos conteúdos. A terceira parte tentou constatar como os professores avaliam a utilização que fazem da TV Multimídia. Para preservar a identidade dos professores entrevistados, eles serão chamados de P1, P2, e assim por diante.

Antes de passar para a explanação de cada etapa das entrevistas, cabe uma pequena pausa para relatar, na íntegra, como foi a primeira visita feita à Escola Estadual Professor Cleto, no centro de Curitiba, para entrevistar uma professora de História, que habitualmente utiliza a TV Multimídia nas suas aulas.

Cheguei na escola por volta das 7h45 da manhã. Nesse dia o acesso foi pelo portão do estacionamento, de entrada de carros, porque havia uma ampla reforma em andamento. Uma ala inteira estava interditada, e, por isso, o acesso pela portaria principal estava fechado. Algumas turmas já estavam dispensadas com o final do ano letivo. Por conta da reforma tomar praticamente metade de toda a estrutura da escola, a entrevista foi realizada no pátio mesmo. Os alunos já estavam em sala então o local estava praticamente vazio, apenas com funcionários circulando e vez por outra, um aluno passava. A professora estava totalmente à vontade para conversar ao ar livre. A entrevista decorreu sem atropelos e foi gravada para posteriormente ser transcrita na íntegra. (DIÁRIO DE CAMPO)

Entre a primeira entrevista e a última ocorreu uma evolução do processo. A contribuição de um professor serviu para aprimorar o debate com o seguinte. Para melhor análise do conteúdo das entrevistas transcritas, as respostas foram divididas em categorias temáticas que passam pelo acesso à informação sobre a aquisição das TVs; expectativas do professor; dificuldades de operacionalização do equipamento; frequência do uso da TV nas disciplinas; níveis de interação com o equipamento em sala; e participação do aluno.

- 1- Sobre as primeiras impressões que os professores tiveram da TV Multimídia e como eles ficaram sabendo da aquisição do equipamento pelo governo do Estado

P1 - Soube da TV nas reuniões pedagógicas com a diretora, inclusive a direção daqui sempre enfatizou o uso da TV. A antiga direção, mais ainda, sempre cobrou da gente o uso do laboratório de informática, era como obrigatório, o professor utilizar o laboratório, pelo menos, planejar algumas aulas pra levar os alunos ao laboratório e também planejar as aulas pra TV.

P2 - Como eu estava na direção, na época, nós tivemos na reunião com a chefe de setor, avisando que as TVs vinham até a escola. Elas demoraram um pouco do prazo que foi avisado pra gente, inclusive nós não recebemos todas as TVs (quando começaram a entregar na segunda semestre de 2007), temos 12 salas e vieram sete TVs. Aí começamos a procurar onde estavam as outras TVs que não tinham vindo. Aí descobrimos que estavam aqui no Paula Gomes (Colégio Estadual Paula Gomes, no bairro Santa Quitéria, bairro vizinho) e teve todo um processo para trazer essas TVs prá cá.

P3 - Olha não sei te dizer, porque eu fiz o concurso em 2007 e quando eu assumi, em abril do ano passado (em 2010) já existiam as TVs. Então, quando eu cheguei no Estado já existiam esses TVs (as TVs Multimídias) funcionando perfeitamente “entre aspas”, mas já estavam em sala de aula. Quando eu cheguei já tinha, estava tudo ali bonitinho. Mas quando você vai começar a usar aparecem os problemas. Toda sala tem uma TV, mas aí não tem pilha, só tem um controle que funciona, tem o professor que leva o controle embora, aí o outro não pode usar.

Os professores conheceram o equipamento com mais detalhes quando ele já estava instalado na sala. A interação com a TV ocorreu de fato no dia a dia. As expectativas e os anseios de conviver com uma nova tecnologia permanente em sala foram percebidos de forma diferente entre eles.

P1 - Com certeza, porque como a gente não tem sala de aula específica para o uso de tevê com DVD, tevê com vídeo, era muito trabalhoso você deslocar esses aparelhos pra sala de aula. Questão às vezes simples de funcionamento dos aparelhos e também do material utilizado era mais complicado, acho que TV Multimídia facilitou isso.

P3 - Pra mim não muda a aula, porque você pega sala que pode ter vidro (janelas) quebrado, carteiras pichadas, arrebentadas, o que me choca muito. Agora TV pra mim é mais como se tem a lâmpada na sala de aula, tem a TV, porque eu não uso em toda aula. Eu não faço uso dela em toda aula, porque aula pra mim é uma coisa e a TV está para complementar uma ou outra coisa do conteúdo que eu vou trabalhar. Eu não uso ela como “muleta”.

P2 - Enquanto professora você fala. Ficamos. Acho que todos os professores ficaram com receio, porque tem que entender que a gente não lida só com professor jovem. A gente tem toda faixa etária, aqueles professores que estão perto de se aposentar. Então eles ficaram um pouco com medo de como iam lidar com essa nova tecnologia. Mas aí a gente vê que eles foram em busca, procuram se aperfeiçoar pra poder utilizar a TV.

P1 - Ela só complementa, até porque as aulas não são só expositivas, a gente tem que ter uma aula participativa, o aluno tem que realizar atividades, o professor quer explicar, às vezes, com suas próprias palavras e utiliza o quadro pra isso. Acho que ela é uma complementação. Eu acho que hoje em dia, pelo ao menos nas

minhas aulas, não se utiliza mais o quadro pra passar o conteúdo complementar do livro, você usa a TV.

P2 - Alguns professores acabaram substituindo o quadro pela TV. Então ao invés de eu escrever no quadro eu vou digitar no computador, tipo uma transparência, um slide e vou colocar na TV, então transferiu o quadro pela TV. Outros não, a grande maioria usa a TV pra passar vídeo como enriquecimento mesmo. Mas existiu essa transferência e nós, como direção, falamos pra eles. Vocês têm que cuidar muito pra não deixar que a TV vire o quadro, uma cópia.

Os professores relataram como passaram a preparar suas aulas a partir da instalação da TV na sala e quais as opiniões que tinham sobre uso de novas tecnologias de informação e comunicação na escola.

P1 - Eu acho que ela auxilia sim, principalmente porque os alunos estão muito acostumados com a informação imediata, da TV, da internet, dos e-mails, a TV auxilia pra cativar esse aluno, pra chamar a atenção dele, pra algo diferente, diferente do livro, diferente do texto como eu já disse, mas ao mesmo tempo eu tenho medo de uma desvalorização do material impresso, porque essa geração é toda comunicação, é ligada nesses meios. Parece que eles têm preguiça de ler uma folha inteira de papel.

P3 - Sem sombra de dúvidas, contribui muito para a educação. Antigamente, na época mesmo que eu estudei (na década de 1990), você ouvia falar por exemplo, sei lá da China, da Mongólia, da Austrália, do canguru. Se não tivesse um desenho de um canguru, por exemplo, no livro, você nunca ia saber o que era um canguru. Hoje você fala, usa, por exemplo, qualquer lugar do mundo, do planeta, do espaço que você fala, você vai lá, na internet tem imagens, pode selecionar, por exemplo, todas as imagens de tal lugar, estou usando em sala de aula. Então claro que aproxima, mas vai muito do professor fazer isso pra ilustrar.

2 – Sobre os formatos e produção de conteúdos

Os professores têm autonomia sobre os conteúdos utilizados em sala. O Portal Dia a Dia Educação disponibiliza milhares de arquivos como apoio, mas nem sempre é suficiente para atender a demanda dos professores, que acabam buscando outras fontes de informação na internet.

P1 - Não, todas não. Eu utilizo os vídeos, trechos de filmes, às vezes, mas a composição das aulas é feita por mim, pelo professor. Preparo, escrevo, faço os slides, procuro os slides na internet, tem conteúdo que a gente não encontra, então a gente procura. O Dia a Dia Educação, a gente utiliza 50%. Utiliza um pouco do vídeo, uma pouco de imagem.

P2 – Ajuda, mas não é 100% suficiente, a gente tá sempre procurando, tá lendo, procura revistas, no Google (site de busca na internet) acessa muito pra estar procurando coisas novas. Ele não atinge 100%, mas ele ajuda muito. Até porque esse portal é alimentado quase que diariamente. Mas é uma ferramenta excelente, eu uso bastante o Dia a Dia.



Possíveis considerações

Com a análise dos dados, o que se verifica é que os professores já percebem a necessidade de inserir os meios audiovisuais em suas práticas escolares, pois observam que os jovens crescem em ambientes altamente mediados pela tecnologia da informação e da comunicação, sobretudo a audiovisual. Aliás, tanto alunos quanto professores se identificam como usuários/consumidores desses meios, já que, fora do ambiente escolar, estão imersos numa sociedade tecnológica.

Com a inserção da TV Multimídia dentro das salas de aula das escolas estaduais do Paraná, o que se verifica é a possibilidade de inovação da prática pedagógica a partir da aproximação dos meios audiovisuais com os conteúdos escolares. Também se observa que a escola está aberta ao novo, a novas experiências, e isso se deve quase que, exclusivamente, ao professor, pois é ele quem está no comando na maior parte do tempo. As entrevistas com os professores revelam que o conceito de Educomunicação começa a criar raízes. E a transmissão do conhecimento por meio de novas mídias promove a cidadania.

Os professores pesquisados demonstram vontade em compreender os processos técnicos e metodológicos do uso da TV Multimídia, como meio de tornar as aulas mais atrativas e mais próximas da realidade dos alunos.

Para isso, é fundamental que professores e alunos entendam-se como parceiros que mutuamente se ajudam para explorar as possibilidades pedagógicas da TV Multimídia, transformando a sala de aula em um espaço dialógico e com convergências de interesses.

Os estudos sobre a TV Multimídia ainda são incipientes e necessitam ser ampliados e debatidos no meio acadêmico-científico, pois as experiências difundidas localmente, no caso das escolas curitibanas, servirão de exemplos para discutir, de forma global, os levantamentos apresentados.

REFERÊNCIAS

CITELLI, Adilson. **Comunicação e educação. A linguagem em movimento.** 3ª ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.

DALLA COSTA, Rosa Maria Cardoso. **A escola e o fenômeno midiático.** Revista Comunicação e Educação / Revista do Curso Gestão da Comunicação do



Departamento de Comunicação e Artes da Escola da Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. Ano 12, n. 3 (set-dez, 2007) – São Paulo: CCA/ECA/USP: Paulinas, p. 73-80.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Televisão & Educação: Fruir e pensar a TV.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

JACQUINOT, Geneviève. **La escuela frente a las pantallas.** 2ª ed. (tradução de Marta Marin) Buenos Aires: Aique Grupo Editor, 1985.

JACQUINOT- DELAUNAY, Geneviève. **Novas Tecnologias, novas competências.** (Tradução de Rosa Maria Cardoso Dalla Costa) In: Revista Educar, n.31, jan-jun/2008. Curitiba: Editora UFPR, p.267-284.

LESSARD-HÉBERT, Michelle; GOYETTE, Gabriel e BOUTIN, Gérald. **Investigação Qualitativa: Fundamentos e Práticas.** Lisboa: Instituto Piaget, 1990. Coleção Epistemológica e Sociedade, tradução do original Recherche Qualitative: Fondements et Pratiques por Maria João Reis.

MELO, José Marques de; TOSTA, Sandra Pereira. **Mídia e Educação.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. Coleção Temas & Educação.

OROFINO, Maria Isabel. **Mídias e mediação escolar: pedagogia dos meios, participação e visibilidade.** Vol. 12. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2005.

SANTOS FILHO, José Camilo; GAMBOA, Silvio Sánchez (Org.). **Pesquisa Educacional: quantidade-qualidade.** 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2009. Coleção Questões da Nossa Época; v. 42.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Comunicação / Educação, a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais.** Contato: Revista Brasileira de Comunicação, Arte e Educação, v.1, n.2, p. 19-74, jan./mar., 1999.

_____. **Entenda a Educomunicação.** Revista Geografia, São Paulo, Edição 26, ISSN 977 1806 859 6, p. 45-49, Julho/2009. Disponível em:
<<http://geografia.uol.com.br/geografia/mapas-demografia/26/artigo145874-2.asp>>.
Acessado em: 23 de novembro de 2010.

_____. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio.** São Paulo: Paulinas, 2011.

WOLTON, Dominique. **É preciso salvar a comunicação.** São Paulo: Paulus, 2006.